Um lago chamado Brasil

Texto de Rogerio Chequer.

Há alguns dias, fui perguntado por uma jornalista se o Brasil havia melhorado com o
impeachment. Respondi que sim. Ela insistiu: mas mesmo com tudo que tem acontecido? Respondi novamente que sim. E isso me remete a uma metáfora, a limpeza de um lago.
Diz-se que a melhor forma de se limpar um lago é começar removendo a maior pedra. Aquela que se sobressai pelo tamanho e ocupa enorme volume. O problema é que, quando essa grande pedra é removida, o nível da água baixa, revelando muitas outras pedras menores que não eram visíveis até então.

É como vejo o Brasil de hoje. O governo lulopetista e seus inúmeros aliados dominaram a máquina pública, roubaram o que encontraram pela frente, destruíram a economia, a renda e os empregos dos brasileiros, sequestraram o Estado.
Tirada a maior pedra do lago, veio à tona uma miríade de outros problemas gravíssimos, que corroem os poderes e as instituições da República. O lago tem hoje uma vastidão de pedras, por toda parte, a perder de vista. Pedras que já estavam lá, que sentíamos quando caminhávamos no lago, mesmo sem vê-las. E que agora, sob a luz da Lava Jato, se revelam maiores e mais numerosas do que podíamos imaginar. Os problemas que emergem se misturam aos antigos.

Mas há algo em comum entre eles: seus personagens. Uma casta de políticos que sugam o Estado e a sociedade. Nomes que estão no poder há décadas, passando-o para seus filhos, parentes e apadrinhados. Sanguessugas do futuro que, comprovadamente,

transformam mandatos legislativos, executivos e judiciários numa máquina perene para gerar riqueza e poder para si mesmos. Estão fazendo isso enquanto você lê esse artigo. E o farão indefinidamente enquanto não forem interrompidos, seja pela Justiça, seja pela sociedade.
Como os personagens não são novos, conhecemos bem as dinastias políticas brasileiras, a novidade vem nos planos inescrupulosos e cada vez mais audaciosos que eles querem nos enfiar goela abaixo. Anistia, foro privilegiado, e um abusado projeto de abuso de autoridade, todos com o único e simples objetivo de se proteger da Justiça que está em seu encalço. Querem voto em lista fechada e mais uma montanha de dinheiro, dos impostos que pagamos, para que possam se reeleger. Os partidos grandes unidos em torno de interesses pessoais comuns, criam assim uma nova grande pedra. E estão prontos para colocá-la no lago.

Se permitirmos elevarem novamente o nível da água, será praticamente impossível, por mais algumas gerações, fazer a limpeza necessária nas outras pedras. Os mesmos velhos caciques e suas famílias continuarão a dominar os poderes e fazer as leis que os protegem e os enriquecem. Afogarão a democracia brasileira. E isso cabe a nós não permitir.

Post (303) – Abril de 2017

O Casal

Post (0253)

Sete da noite, numa avenida movimentada.

O casal já está atrasado para jantar na casa de uns amigos.
O endereço é novo, bem como o caminho que ela consultou no mapa antes de sair.
Ele conduz o carro. Ela orienta e pede para que vire, na próxima rua, à esquerda. Ele tem certeza de que é à direita…
Discutem.
Percebendo que além de atrasados, poderão ficar mal-humorados, ela deixa que ele decida. Ele vira à direita e percebe, então, que estava errado.
Embora com dificuldade, admite que insistiu no caminho errado, enquanto faz o retorno. Ela sorri e diz que não há nenhum problema se chegarem alguns minutos atrasados.
Ele questiona: – Se tinhas tanta certeza de que eu estava indo pelo caminho errado, por que não insistiu um pouco mais?
Ela diz: – Entre ter razão e ser feliz, prefiro ser feliz!!!
Estávamos à beira de uma discussão, se eu insistisse mais, teríamos estragado a noite!

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta pequena história foi contada por uma empresária, durante uma palestra sobre simplicidade no mundo do trabalho. Ela usou a cena para ilustrar quanta energia nós gastamos apenas para demonstrar que temos razão, independentemente, de tê-la ou não.

NG Canela – Março de 2014